

## PROPOSTA DE ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 3º GRAU

### SUGGESTIONS FOR READING AND WRITING ACTIVITIES IN COLLEGE LESSONS

**Eneida Martins de Oliveira (UFPB)**

---

**Abstract:** This article suggests some reading activities and text production hints to be carried out by college students in order to minimize deficiencies these practices present in primary and secondary levels of teaching as well as to help students enhance their performance inside and outside the classroom, in the courses they have taken in.

**Key-words:** reading, text production, college lessons

**Resumo:** O presente trabalho propõe atividades de leitura e produção de textos a serem desenvolvidas por alunos do ensino superior, visando a suprir as deficiências dessas práticas no ensino fundamental e médio e contribuir para um melhor desempenho desse aluno, em sala de aula, ou fora dela, durante o curso que realiza. As atividades podem ser levadas a efeito em horário normal de aula, ou ainda como atividades de extensão.

**Palavras-chave:** leitura, produção textual, ensino superior

---

“Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã”.  
Carlos Drummond de Andrade

## I – INTRODUÇÃO

Este trabalho é o produto de um projeto que teve por objetivo a elaboração de uma proposta alternativa de atividades que visem a trabalhar as práticas de leitura e produção de textos com alunos de Graduação, especificamente do curso de Jornalismo, podendo, porém, ser trabalhadas com alunos de outros cursos, em sala de aula ou num outro horário estabelecido pelo professor em comum acordo com os alunos. O que consideramos importante é que sejam trabalhadas mais as práticas de leitura e escrita e sejam mais valorizados os textos que o aluno escreve, para que se possa resgatar aquilo que a Escola de Ensino Fundamental e Médio deixou perder-se no tempo.

O ensino da leitura e da produção textual, apesar dos esforços de muitos, ainda continua preocupando a outros tantos, uma vez que os alunos do Ensino Superior, na sua maioria, apresentam muitas

dificuldades na hora de escrever algum texto e na hora de ler ou de expressar-se oralmente. Como sabemos, essa prática da leitura e produção textual não é trabalhada com freqüência no ensino fundamental e médio, ficando essa lacuna a ser preenchida na Universidade.

O espaço da sala de aula nem sempre é suficiente para que sejam trabalhadas atividades dessa natureza, pois cada professor tem um programa a cumprir.

Essa proposta visa a suprir a necessidade de trabalhar essas práticas, procurando apresentar atividades que poderão ser desenvolvidas fora da sala de aula, orientadas pelo próprio professor interessado em utilizá-la.

Considerando textos e trabalhos já existentes, produzidos por alunos do curso acima mencionado, elaboramos um caderno de atividades que podem ser trabalhadas de maneira alternativa, permitindo ao aluno desenvolver o seu potencial, dando-lhe oportunidades de expressar os seus pensamentos, sentimentos e conhecimentos, preparando-o para o exercício da profissão, seja como professor, jornalista, ou qualquer outra profissão.

Com relação à Fundamentação Teórica, embora apresentemos algumas considerações, sugerimos que cada professor/orientador faça uso da teoria que achar mais adequada a cada situação.

## **II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para se falar em ensino e prática da escrita na escola, é preciso falar antes sobre o ensino de língua portuguesa que, como todos sabemos, continua sendo realizado de forma compartimentalizada, (o ensino puro e simples da gramática) fora e, muitas vezes distante, da realidade do aluno, do contexto em que ele vive, desconsiderando, inclusive, aquilo que ele já conhece quando entra para a escola. Ou seja, a escola continua preocupando-se apenas com a língua padrão, desconsiderando e desvalorizando a variedade lingüística falada pelo educando quando chega à escola, variedade essa com que ele se comunica no meio onde vive. Agindo assim, a escola pode não permitir que o aluno aprenda e passe a usar a língua padrão nas situações em que seu uso seja exigido. Isso tem conseqüências sérias durante toda a sua vida. Encontramos freqüentemente até mesmo na universidade, alunos que lêem mal e não sabem se expressar, quando solicitados para falar alguma coisa.

Naro (1980, p. 25)<sup>1</sup> diz que "qualquer ensino baseado numa realidade imposta está fadado a falhar ou até a ter resultados extremamente lentos e desestimuladores para o educando, para o educador e para as instituições interessadas"

O que dizer, portanto, do ensino da produção de texto na sala de aula? Não esquecendo que essa prática está intimamente relacionada com o ensino da leitura.

Vai aqui uma pergunta: você lembra de como era trabalhada a escrita (produção textual), no seu tempo de escola de Ensino Fundamental e Médio? Ou dizendo de outra forma: o que lembramos da prática da escrita em nosso tempo de escola? Certamente não é preciso fazer um grande esforço de memória para responder a essas questões e logo nos lembramos, por exemplo, de alguns temas que eram bastante comuns (eram? ou ainda são?), como: "minhas férias", São João, Páscoa, Dia das Mães, dia do Índio, 7 de setembro, minha professora, etc... a maioria utilizava a narração (conte como foram as suas férias...); bastante usada era também a descrição, de algum quadro trazido pela professora, ou da escola, do bairro, etc... Não me lembro de escrevermos textos dissertativos ou argumentativos. Tudo isso se fazia sob o título de redação que, na maioria das vezes, era e ainda é usada como uma forma de cobrir uma aula que o professor não preparou, ou seja, a prática da escrita é um "tapa-buraco".

Essa prática, ao invés de despertar no aluno o gosto e o prazer pela escrita, pode desestimulá-lo e até inibi-lo, fazendo com que ele a encare como uma obrigação, uma tarefa que tem de ser cumprida.

Um outro problema que se nota com relação à prática da escrita é que o aluno geralmente é solicitado a escrever sobre um tema da escolha da professora do qual ele pouco ou nada conhece. Impossível escrever (ou falar) sobre o que não se conhece. Sobre essa questão Koch & Travaglia, (1993, p. 60,61) dizem que

“o estabelecimento do sentido de um texto depende em grande parte do conhecimento de mundo dos seus usuários, porque é só este conhecimento que vai permitir a realização de processos cruciais para a compreensão, a saber: a) a construção de um mundo textual ... b) o relacionamento de elementos do texto ... através de inferências ... c) o estabelecimento da

---

<sup>1</sup> NARO, Antony Julius et alii. *Projeto Censo de Variação Lingüística*. 1980 (mimeo).

continuidade de sentido ... d) a construção da macroestrutura”

Podemos lembrar ainda outras práticas de escrita, tais como:

1. o professor pede que o aluno escreva um texto sobre determinado tema, e o texto tem que ser exatamente como professor imaginou que seria, ou como livro didático sugeriu, ou trouxe como resposta;
2. o professor manda escrever ou pede um trabalho sobre um determinado assunto, mas não explica nada a respeito. Exemplo: "o trabalho do menor abandonado", observando o esquema seguinte: problemas dentro do lar; problemas sociais; futuro não promissor" , etc...
3. o professor manda escrever somente para dar uma nota, não se preocupando com o que o aluno pensa a respeito, com a maneira como ele desenvolveu o texto, etc...

Muitas outras práticas poderiam ser citadas, mas vamos nos limitar a essas procurando, agora, responder à pergunta: como fazer para mudar tudo isso?

1. diversas experiências e estudos têm sido realizados sobre essas questões do ensino e da prática da leitura e da produção na sala de aula e, felizmente, muitas das propostas apresentadas vêm sendo aplicadas, com sucesso, ainda que isoladamente, por um ou outro professor. Porém, o trabalho isolado não produz um resultado tão satisfatório, quanto aquele realizado pela maioria;
2. as atividades de produção textual na sala aula devem ser aquelas que levem o aluno a sentir prazer em escrever, mesmo que às vezes essa produção seja obrigatória, (como é o caso de um trabalho), deve-se procurar fazê-la de uma maneira que ele sinta-se bem em realizá-la.;
3. o aluno precisa estar familiarizado ou pelo menos ter algum conhecimento sobre o que vai escrever;
4. é importante também que o aprendiz seja levado a escrever textos espontaneamente, inclusive sem a preocupação de que

esse texto seja corrigido pelo professor;

5. é igualmente importante que o aluno seja estimulado a refletir sobre o que lê e, conseqüentemente, sobre o que escreve;
6. o professor deve valorizar o texto do aluno, observando a realidade de cada um e procurando incentivá-lo a melhorar o que precisa ser melhorado.

Há ainda várias outras maneiras de se ter um ensino de língua, de leitura e de produção textual mais dinâmico, mais voltado para as situações práticas da vida, através do qual o educando possa entender para que serve a língua que ele estuda na escola e os textos que lá ele produz.

Essas lacunas deixadas pela Escola de Ensino Fundamental e Médio vão se tornar obstáculos que aluno terá dificuldades de transpor quando chega à Universidade.

Zozoli, (2000, p. 22), diz-nos o seguinte:

“De modo geral, a situação não muda muito na universidade. Em primeiro lugar, porque na própria sociedade prevalecem as concepções já explicitadas antes e, em segundo lugar, porque os próprios alunos e professores, por fazerem parte dessa sociedade, têm dificuldade de adotar outras práticas. Mesmo com o advento de teorias que evidenciam a necessidade de mudanças na sala de aula, na maioria das disciplinas, continuam-se a utilizar práticas que correspondem à visão de ensino como simples transmissão de conhecimento...”

A esse respeito, Silva (1986, p. 35) faz uma observação semelhante: “*A situação em que hoje nos encontramos em termos de ensino de língua se deve à resistência por parte dos professores à renovação, porque não conhecem os objetivos do ensino da língua*”.

Temos visto que, nos últimos tempos, o texto tem sido valorizado na sala de aula, mas propriamente a produção textual como uma maneira de desenvolver, no aluno, a capacidade de leitura e escrita. Porém, conforme Marcuschi e Viana, “... se não houvesse, por trás dessas orientações, concepções equivocadas de língua e de texto” (p.1). Há, segundo as autoras, a noção de língua como “expressão do

pensamento” (perspectiva da lógica), como “sistema abstrato ou código estruturado” (Linguística Estrutural).

A Linguística Textual surge, então, com uma outra concepção de língua e de texto, que possibilita uma postura mais adequada, mais segura talvez com relação às práticas de leitura e escrita na sala de aula. A noção de língua passa a ser diferente daquela de mero instrumento, “... *mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana...*”. (Geraldi 1985, p. :43). Há uma nova perspectiva no tratamento do texto, que é visto como uma unidade interacional e dialógica. O texto, portanto, passa a ser

“entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecida, independentemente da sua extensão”. (Koch & Travagli, 1993, p. 8,9).

Com essas concepções vêm todas aquelas relacionadas à coesão, à coerência, texto, contexto, discurso, etc...

Diretamente relacionados com as atividades que passamos a propor estão os estudos a respeito de gêneros textuais e tipos textuais, tais como propostos por Marcuschi (2002, p. 22) para quem tipo textual é a expressão utilizada “*designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}*”. Os tipos textuais são, portanto, “*conceitos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas, constituem seqüências lingüísticas ou seqüência de enunciados e não são textos empíricos. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas*”(p. 23) as quais são determinadas pelos aspectos acima citados e são conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. Essa tipologia textual corresponde à produção que trabalhamos em aula, através dos diversos gêneros textuais.

O gênero textual é definido pelo mesmo autor,

“como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-

comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. (Marcuschi 2002, p. 22,23).

Os gêneros textuais, em número bem maior, seriam telefonema, sermão, carta, receita culinária, resenha, edital de concurso, reportagem jornalística, romance, notícia jornalística, aula expositiva, entre outros. São

“realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas, constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas e sua nomeação abrange um conjunto aberto praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função”. (Marcuschi 2002, p. 23).

Como podemos ver, qualquer que seja a teoria que fundamente a nossa prática de sala de aula, de ensino de leitura e escrita, necessariamente teremos que pensar essas noções de língua, de texto. E, qualquer que seja a teoria adotada, as atividades aqui propostas poderão adequar-se perfeitamente.

### **III – ATIVIDADES PROPOSTAS TEXTOS NARRATIVOS**

Antes de começar qualquer atividade para a leitura/escrita de textos narrativos, cheque o conhecimento que os seus alunos têm a respeito. Se necessário, passe para eles as informações básicas e essenciais para que ele possa realizar o trabalho a contento.

Para a produção de textos narrativos podem ser desenvolvidas algumas das seguintes atividades:

#### **ATIVIDADE I**

- a) peça ao aluno que conte, oralmente, algum fato acontecido com ele próprio ou que ele haja presenciado;
- b) depois que todos já houverem contado, peça que a turma escolha, dentre eles, as três narrativas consideradas melhores;
- c) agora peça que cada aluno escreva uma dessas histórias (ele escolhe entre as três melhores); depois, se houver tempo, você pode pedir que cada um leia o que escreveu;

## ATIVIDADE II

- a) leve para a sala de aula alguns livros de literatura, de preferência os clássicos da literatura infantil. Deixe os livros à disposição dos alunos para que eles leiam quantos quiserem, no tempo que eles acharem suficiente;
- b) peça que eles escolham uma das histórias que leram e recontem essa história, com suas próprias palavras, podendo mudar nome das personagens, as ações delas, etc...;
- c) leia todos os textos e faça críticas construtivas, ressaltando os melhores e incentivando os demais a melhorarem ;
- d) Exemplos:- textos escritos por alunos do 2º período de Jornalismo 2002.2, num exercício igual ao proposto. In: Textos de Sala de Aula)

### 1. O Patinho Gay - Fabiana Morais de Lima,

Era uma vez... uma pata muito chique que havia construído seu ninho na zona sul da Patagônia. A pata pôs 3 ovos para chocar. Um belo dia os ovos começaram a se quebrar...

Dos dois primeiros ovos saíram patinhos bonitos e fortes, mas do terceiro ovo saiu um patinho franzino e afeminado. A pata que já era choca ficou chocada. Mas filho é filha... quer dizer, é filho!

Numa manhã ensolarada a mamãe pata resolveu levar seus filhos para nadarem no lago. O patinho, feliz, dava saltos de alegria. Dois patos forasteiros que ali passavam, ao verem tal cena tosca e ouvirem a voz fina do pato a fazer “quén, quén”, resolveram zombá-lo dizendo:

- “Será que esse patinho dorme na caixa? Afinal ele é uma linda boneca!”

Mamãe pata, que já estava mais conformada, se indignou com a ignorância dos patos machões e levou seus filhos para casa. Mais tarde, enquanto seus irmãos se preparavam para uma partida de futebol com outros patos do bairro, o patinho saiu escondido de casa para espairecer, já que se encontrava em profunda depressão. No meio do caminho o patinho encontrou um cisne e ficou maravilhado com sua beleza e, a partir daí, decidiu que seria uma bela cisne ou até mais do que isso.

Ao voltar para casa, foi para seu quarto, trocou suas penas por plumas e disse à sua mãe: - “Adeus, mamãe, vou à luta!” e saiu saltitante e reboante em direção a uma boate, onde logo em seguida encontraria grandes amigos do mundo fashion e seria muito feliz.

## 2. **Cinderela Moderna** - Luis Nascimento Correia Lima

Cinderela vivia com seu pai, um viúvo rico, num luxuoso apartamento localizado dentro de um condomínio badaladíssimo e tinha a vida dos sonhos de qualquer adolescente, até o dia em o pai, buscando dar à menina uma família de verdade, casa-se com uma viúva que tinha duas filhas com a mesma idade de Cinderela.

A viúva, porém, era interesseira e estando interessada na fortuna do pai de Cinderela, tratou de casar-se em regime de comunhão de bens. Com a morte do marido, ela contratou advogados que, além de garantir sua herança, ainda tomassem a de Cinderela.

Determinada e decidida, Cinderela resolve cursar Direito para promover a justa partilha de bens familiares e, concluindo o Curso, entra com um Mandado de Segurança, suspendendo todas as ações movidas até o presente momento pela madrasta.

Além disso, propõe uma audiência para anulação da certidão de casamento da madrasta com o seu pai, não imaginando que essa audiência lhe traria uma enorme surpresa.

O mais jovem e bem sucedido juiz da cidade era quem estava no caso e apaixonou-se por Cinderela à primeira vista, não somente pela sua beleza, que era inconfundível, mas pela sua inteligência e capacidade de persuasão.

Cinderela ganhou a causa, casou-se com o juiz e ainda deu uma lição na madrasta, que ficou na miséria com as duas filhas. Viveram felizes para sempre como o casal mais apaixonado, bem sucedido e poderoso da região.

### **ATIVIDADE III**

- a) proponha aos alunos uma conversa com pessoas de mais idade, pedindo a elas que lhes conte alguma coisa do passado, por exemplo: como era o namoro antigamente; como, onde e quando essa pessoa conheceu o seu cônjuge; quando as pessoas adoeciam, como eram as consultas, os tratamentos; receitas de remédios caseiros, etc... Essa pesquisa também pode ser feita com feirantes, pessoas que têm barracas em Mercados Públicos, especialmente aquelas que vendem raízes, etc...
- b) agora, de posse desse material, peça que eles escrevam aquilo que ouviram; outra sugestão é que eles contem como foi a entrevista, antes de passarem para o papel;

### **ATIVIDADE IV**

- a) apresente para os alunos algumas palavras, de preferência, aquelas cujo significado eles desconheçam. Peça que eles atribuam um significado a essas palavras, pela idéia que elas passam para cada um;
- b) peça que cada um história com as palavras, utilizando os significados dados por eles;
- c) após isso, você pode indicar-lhes a consulta ao dicionário para verificar o verdadeiro significado das palavras.
- d) Exemplo:

1. ***O Dicionário Maldito*** (texto escrito pelo aluno João Batista Firmino Júnior, do 2º período de Jornalismo 2003.1, a partir de um exercício tal como proposto acima. In: Textos de Sala de Aula II)

Em meio ao verão de 1992, em pleno cruzamento de rodovias, encontrava-me perdido. Li na placa pixada: Muxuango, 20 km e Norte. Muxuango? Bem, estava nos limites do município de Olisalves, deveria ser um distrito ou uma aldeia entristecida pela seca. Deixando isso de lado, li as duas palavras seguintes.

Enquanto lia vituperada e perfunctório, senti que o vento soprava muito sibilino em meu ouvido. Peguei o dicionário. Um momento. O vento sussurrava, isso sim que era o que pensava eu antes de ler. Ia esquecendo, o município de Vituperada ou “aquele das plantas tortas” era cortado pelo Rio Bisonho, rio de águas desanimadas. A questão estava na cidadezinha de Perfunctório, onde ia comprar armários. Oh sim! Os melhores armários, o mais lustroso mogno só em Perfunctório.

Porém, antes de ir, olhei de verdade o dicionário e vi a dura realidade. Não, não acreditei que chovia em Muxuango, já soubera que Vituperada até “ofendia” pela disposição de suas plantas, mas não que machucava a sua espessa vegetação e que Perfunctório não vendia armários. Tudo muito sibilino, hein brisinha? Sei agora a verdade, fora muito bisonho em minha desanimada busca – o que inclui o seu real significado, incluindo o do rio. E parti, não agüentei, fugi da caipira, aviltante, ligeira, enigmática composição não do lugar, mas da inexperiente pessoa que fui e ainda não deixo de ser. No fundo preferia os armários de Muxuango, isso sim.

- e) Você pode utilizar para melhor entendimento dessa tarefa, os textos:
  1. *A Palavra é mais que o seu significado* in: FARACO Carlos & MOURA Francisco, Para Gostar de

Escrever. São Paulo: Ática,1985.

2. *O Domínio da Linguagem* in: FARACO Carlos & MOURA Francisco, Para Gostar de Escrever. São Paulo: Ática,1985.

## ATIVIDADE V

a) nessa etapa, você já pode pedir que eles construam um texto narrativo (conto, crônica, etc...), com personagens, enredo e ação a critério deles. Não faz mal que eles repitam algum dos textos que já escreveram, mas, incentive-os a escrever um outro texto.

## TEXTOS DESCRITIVOS

Vale também aqui, a mesma recomendação feita com relação ao texto narrativo.

## ATIVIDADE I

Como os textos descritivos nascem da observação, sugira aos alunos:

- a) que observem, por exemplo, o caminho de casa até a universidade, ou de casa até o trabalho, as paisagens, as pessoas, o movimento de veículos, etc... ;
- b) após a observação, eles descrevem o que observaram. Você pode aproveitar o momento para lembrar as exigências ou requisitos de um texto descritivo.

## ATIVIDADE II

- a) proponha aos alunos que eles saiam da sala de aula por alguns minutos e caminhem pela universidade (o espaço mais próximo da sala de aula), observando tudo (pessoas, locais de trabalho, paisagens, etc...);
- b) peça que descrevam o que observaram;
- c) agora eles podem descrever, o que eles mudariam naquele espaço observado.
- d) Exemplo:

1. **O Ambiente Universitário**, texto escrito pela aluna Larissa Santos, do 2º período de Jornalismo 2003.1. In: Textos de Sala de Aula II

A universidade, como a própria palavra já diz, é um universo de pessoas, culturas, crenças e saberes.

Ao observar as pessoas que por ela passam todos os dias, podemos constatar esse universo. Algumas pessoas estão nos corredores à espera do início de suas aulas, outras estão apenas esperando o tempo passar, conversando.

O interessante é que ao observar os grupos de pessoas que estão conversando, nota-se que há uma diversidade de jeitos, de vestuário, de pensamentos e ainda assim conseguem entrar em harmonia no assunto discutido.

Ao longe, sob o pé de castanhola está um indivíduo sozinho, isolado de toda a movimentação que esse ambiente proporciona. Está só ele, seu livro e seus pensamentos. Enquanto isso, o funcionário desempenha o seu papel, varrendo, retirando as folhas caídas ao chão.

O relógio aponta oito horas, os grupos começam a se dispersar, o jovem segue seu caminho pois o professor está à espera e o funcionário continua o seu trabalho.

### **ATIVIDADE III**

- a) uma outra atividade para texto descritivo é aquela em que o aluno descreve a si próprio (características físicas, psicológicas, etc...) Por exemplo, Quem sou eu? em dez palavras ou frases;
- b) depois da descrição – quem sou eu? você lê os textos, um por um, sem citar o nome do aluno, e pede que os colegas identifiquem, pela descrição, o autor do texto;
- c) você pode ainda sugerir que um colega descreva o outro;

### **ATIVIDADE IV**

A partir de uma canção muito conhecida “Se essa rua fosse minha”, propor a produção de textos descritivos, sugerindo alguns temas como: “se essa cidade fosse minha”, se esse país fosse meu”, “se a terra fosse minha”, etc... pedindo ao aluno para indicar detalhes, explorar sensações visuais, auditivas, táteis, etc...

### **TEXTOS DISSERTATIVOS**

De todos, os textos dissertativos são aqueles que apresentaram, na minha experiência, mais dificuldades para serem escritos, talvez por exigirem leituras e conhecimento prévios sobre o tema a ser tratado. Por essa razão, é preciso um pouco mais de cuidado, de orientação, de informação.

## ATIVIDADE I

- a) comece discutindo, em sala, algum assunto polêmico do momento. Deixe os alunos expressarem as suas opiniões, mas mantenha o controle da discussão;
- b) depois de suficientemente discutido, peça que cada um escreva sobre o assunto que foi discutido, lembrando-lhes a necessidade de expressarem o seu ponto de vista sobre o tema. Se necessário, sugira algumas leituras antes da produção escrita.
- c) Exemplo: *"Piratar" a Cultura é Crime* – texto de Maurício Linhares de Aragão Júnior – 2º período de Jornalismo 2002.2.  
In: Textos de Sala de Aula

A pirataria é tida como crime para as grandes gravadoras, mas vendo por outro ângulo não é crime contra a cultura fabricada por elas. Vivemos em um mundo onde a cultura ganhou dimensões de indústria e com isso tivemos muito de sua qualidade e criatividade transformada apenas em fórmulas para criar música descartável, que dura apenas o quanto sua moda for benéfica aos interesses de seus padrinhos artísticos.

Vários artistas consagrados de nossa música popular estão partindo para produções independentes, como Lobão, que lançou seu mais recente disco nas bancas de revistas a um preço muito acessível que o praticado nas lojas de CDs, livrando-se assim das rédeas das gravadoras.

Mas o que temos com a pirataria hoje não é apenas um modo da população se defender contra os preços abusivos dos álbuns, mas também uma forma de lutar contra essa mídia de modas. O povo quer música de qualidade e enquanto não tiver pelo menos isto, não vai se preocupar com a procedência ou o meio de compra desse bem.

Os discos são feitos com duas ou três músicas para tocar nas rádios e as outras servem apenas para completá-lo, fazendo quem compra se sentir realmente lesado e não se preocupar ao comprar um disco falsificado por um preço até dez vezes menor que o original e que no fim toca as músicas do mesmo modo.

O problema da pirataria não é algo que possa ser combatido apenas com repressão policial e a prisão dos vendedores, pois na maioria das vezes essas pessoas são apenas vítimas da sociedade em que vive, não tendo outras opções para poder sobreviver. Deve ser combatido primeiro com a conscientização das empresas

envolvidas neste segmento, trazendo de volta o nome de cultura à música que eles jogam no mercado diariamente.

Mas acima de tudo, os músicos devem tomar as rédeas de suas carreiras, não se rendendo a contratos ou vontades do mercado, pois sua música não deve se limitar à moda, mas sim ditar os caminhos da cultura brasileira, trazendo de volta o seu caráter único do passado que sempre trouxe os olhares do resto do mundo para nós.

## ATIVIDADE II

- a) sugira alguns temas subjetivos, (por exemplo: juventude, velhice, amizade, solidariedade, pobreza, etc...), peça que os alunos escolham um desses temas e escrevam sobre ele, expressando a sua opinião a respeito;
- b) Exemplo: A Banalização dos sentimentos – texto escrito por Camila dos Santos Junqueira – 2º período de Jornalismo 2002.2. In: Textos de Sala de Aula

É engraçado como tudo vem se tornando banalizado hoje em dia, primeiro podemos destacar a corrupção desmedida com que as relações políticas acontecem e por outro lado os relacionamentos amorosos.

Estes vêm sendo vinculados a uma vida livre sem preconceito e sem medo do que possa vir como consequência. Não que não seja saudável falar sobre sentimento e sexualidade, mas não podem ser tratados de uma maneira tão irreal para que todos pensem que tudo é simples e normal.

Certos tipos de mídia pregam uma vida livre de preconceitos e que os jovens têm direito de fazer tudo que querem, basta desligar-se dos padrões impostos pela sociedade. Eles têm abordado uma discussão sobre vários temas, a saber: Sexualidade em geral, Drogas e etc. Algumas argumentações podem ser consideradas saudáveis, pois tem mudado a percepção das pessoas diante de determinado tabu. Já outros assumem uma postura diferente. São pessoas que querem apenas curtir.

Essas certamente esqueceram o sentido de uma relação aliada ao sentimento, já que em sua concepção não há a necessidade de convivência para um contato mais carnal.

É pelo fato de as pessoas terem esquecido o valor dos relacionamentos, que os verdadeiros se tornaram tão raros.

**ATIVIDADE III**

- a) divida a turma em grupo, escolha um assunto bastante polêmico e com vasta literatura a respeito e peça que cada equipe pesquise a respeito;
- b) marque um determinado dia para discussão do tema escolhido;
- c) indique uma ou mais equipes para se posicionarem a favor e outras para se posicionarem contra;
- d) seja o moderador da discussão;
- e) depois cada equipe escreve o seu texto, com os argumentos levantados.

**ATIVIDADE IV**

- a) aproveitando a descrição do ambiente universitário, na etapa anterior, você pode pedir ao aluno que escreva um texto, com o título: A minha Universidade, ou, a Universidade dos meus sonhos, ou, a Universidade que eu quero, etc..., procurando fundamentar o seu ponto de vista.

**ATIVIDADE V**

- a) outra atividade que você pode desenvolver com os seus alunos, com o objetivo de trabalhar a produção de textos, além da prática da reflexão, da discussão, para um posicionamento a respeito de um determinado tema é a exibição de filmes, de preferência que discutam certos temas polêmicos, como por exemplo: preconceito racial, social, autoritarismo, sistema educacional, etc...
- b) depois da exibição, você pode promover uma discussão em sala e, em seguida, propor que eles escrevam sobre o filme, não apenas contando o enredo, mas apresentando sua opinião, fazendo críticas, etc...
- c) Exemplos de filmes que podem ser utilizados: “O Preço do Desafio”; ”Sociedade dos Poetas Mortos”; “Meu Mestre Minha Vida”, etc...

Em qualquer dessas atividades é necessário que o professor dê a fundamentação necessária para que o aluno possa entender o que está sendo solicitado dele. Por exemplo ao solicitar os textos narrativos é

preciso lembrar-lhes sobre a narração, suas características, etc... o mesmo ocorrendo com a descrição e a dissertação.

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas aqui apresentadas são parte da experiência de alguns anos de sala de aula trabalhando com as práticas de leitura e escrita, na tentativa de levar o aluno a descobrir o seu potencial e a aplicá-lo em seu próprio benefício em benefício de outrem.

Esse trabalho não é algo acabado, nem perfeito, podendo ser avaliado, criticado e que os argumentos levantados, favoráveis ou não, possam servir para que ele seja melhor aproveitado.

Se alguém, um professor que seja, interessar-se pelo que aqui foi proposto, consideramos que os objetivos foram alcançados.

### REFERÊNCIAS:

- ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1989.
- BLIKSTEIN, Isidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985 .
- FARACO, Carlos e MOURA, Francisco. *Para gostar de escrever*. São Paulo: Ática, 1986.
- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. *Oficina de texto*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2003.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1994.
- GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula. Leitura e produção*. Cascavel-PR: Assoeste, 1985.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura teoria e prática*. Campinas-SP: Pontes, 1993.
- KOCH, Ingedore G. Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez,1993.
- MARCUSHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, BEZERRA, Maria Auxiliadora e MACHADO, Ana Rachel (org). *Gênero textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- OLIVEIRA. Eneida Martins (org). *Textos de Sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003
- \_\_\_\_\_. *Textos de Sala de Aula II*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.
- TREVISAN, Zizi. *Texto pretexto*. Presidente Prudente–SP: Editora Grafoeste, 1994.
- VIGNER, Gerard. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: GALVES, Charlotte, ORLANDI, Eni P. E OTONI, Paulo. *O Texto: leitura e escrita*. Campinas-SP: Pontes, 1988.
- ZOZOLI, Rita Maria Diniz. O ensino de leitura e de produção de textos na universidade. In: MOURA, Maria Denilda (Org). *Língua e Ensino. Dimensões Heterogêneas*. Maceió: EDUFAL, 2000.